

A LINGÜÍSTICA TEXTUAL E O ENSINO DE HEBRAICO BÍBLICO: A BÍBLIA COMO TEXTO AUTÊNTICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Isabel Arco Verde Santos (UERJ)

verdesantos@uol.com.br

Wellington Couto de Almeida (UERJ)

well.c.almeida@gmail.com

RESUMO:

Não é de hoje que a Linguística Textual tem conquistado espaço no ensino das línguas estrangeiras, propondo novas direções no ensino da gramática a partir de uma reflexão sobre a linguagem. Pensando no ensino do hebraico, especificamente o hebraico bíblico, temos uma diversidade de material produzido com intuito do ensino da língua que reproduz um mesmo modelo, muitas vezes com os mesmos exemplos, mas que se mantêm deslocados do texto bíblico. Tal abordagem acaba por gerar desconfortos ao tomar a tradução de palavras isoladas justificando pontos de vista diversos. Ao aplicar a LT no ensino da língua hebraica, seguindo a experiência de outras línguas estrangeiras, trabalhando o texto e não mais palavras e frases isoladas, pretendemos adentrar na trama do texto sem medos, para alcançar a compreensão da própria língua.

Palavras-chave:

Ensino. Hebraico Bíblico. Gramáticas de hebraico bíblico.

1. Introdução

A língua hebraica tem uma história singular. Embora uma língua antiga, ela não foi extinta ou se perder ou se modificou a ponto de tornar-se uma nova língua.

O mérito disto podemos dizer que está na religião. Foi o judaísmo que não permitiu que o povo da língua hebraica se desmembrasse e sucumbisse às tantas diásporas vividas. O hebraico ficou escondido nas tradições, foi transfigurado no diálogo e encontro com outras línguas gerando tantas línguas hebraicas como o ladino, o judeu árabe, o judeu alemão, mas resistiu até o reencontro com a terra de sua história, onde deixaria seu sangue pulsar novamente.

Reconhecida como língua do estado de Israel, criado em 1948, o hebraico já vinha mostrando sinais de vida mais vigorosos, no final do século XIX. Foi como acordar de um coma depois de muitos anos.

Embora se reconheça fases de formação do hebraico, há dois importantes pontos no que diz respeito ao ensino da língua: o hebraico bíblico e o hebraico moderno.

Existe um mito corrente de que o hebraico bíblico não diferiria do hebraico moderno. Isto de certa forma é correto, porque uma gramática de hebraico bíblico há de trazer regras gramaticais que ainda hoje têm validade. Além disso, o hebraico bíblico é a base vocabular do hebraico moderno. Mas também há diferenças que não podem ser ignoradas.

Muitas regras gramaticais que são formuladas e explicadas nas gramáticas de hebraico bíblico tornam-se obsoletas porque enfatizam o uso dos sinais massoréticos. O termo massorético vem de *massora*, que significa tradição. O hebraico, como outras línguas semitas antigas não tem sinais vocálicos, embora algumas consoantes sinalizem a presença dos sons vocálicos. Estes sinais foram acrescentados para que a língua não se perdesse.

Os sinais massoréticos não dão conta somente da diferença sonora das vogais, mas compreendem questões morfossintáticas. Mas, uma vez que a língua voltou a ser usada, os sinais também passaram a ser dispensáveis no dia a dia. Na *internet*, por exemplo, dificilmente veremos uma página que usem estes elementos. Da mesma forma os livros, jornais e revistas em hebraico dispensam seu uso. Assim, regras gramaticais que também os enfatize, tornam-se difíceis, muitas vezes, de serem aplicadas no hebraico israelense.

Mas ainda podemos levantar outras questões que dificultam o estudo do hebraico moderno a partir das gramáticas de hebraico bíblico e vice-versa. A noção de verbo no texto bíblico, por exemplo, também percorre caminhos diferentes dos atuais. Embora a sua forma básica seja a mesma, sua utilização hoje ganha novos arranjos que não eram contempladas pelo escritor do Antigo Testamento.

Soma-se a isto a questão vocabular. O hebraico bíblico limita-se a cerca de 8000 palavras. O hebraico moderno multiplica este número por dez. São palavras que chegaram de todos os lados em termos de tempo e espaço.

Mas há outro fator que é preciso também salientar quando se pensa no ensino da língua hebraica. O hebraico bíblico é mais sintético, mais econômico. Ele usa e abusa de prefixos e sufixos. Já o hebraico moderno é mais analítico, embora também use prefixos e sufixos.

Este, aliás, é um fator que torna o estudo do hebraico bíblico mais difícil. Seu leitor deve ser mais atento com a formação das palavras, mas também precisará levar em conta que, das 8000 palavras que se pode listar, cerca de 2000 palavra só aparecem uma única vez.

2. Sobre as gramáticas e o ensino do hebraico bíblico

Até bem pouco tempo atrás, no século XX, as gramáticas de hebraico bíblico baseavam-se no trabalho de Wilhelm Gesenius, do início do século XIX. Gesenius foi um estudioso do hebraico, luterano, que empreendeu grandes esforços no estudo das línguas semitas.

No final da década de 40, surgiu no Brasil a Gramática elementar do hebraico bíblico de Guilherme Kerr. Ele era um pastor presbiteriano e professor das áreas de hebraico e Antigo Testamento no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas. Sua gramática foi a primeira gramática hebraica em português publicada. Obra de referência, ela era baseada no material de Gesenius e seguia sua linha de trabalho.

Durante muito tempo as gramáticas de hebraico no Brasil mantiveram-se à sombra da gramática de Guilherme Kerr. Mesmos exemplos, mesmas regras, mesmos exercícios. Em 1972, Paulo Mendes publicou sua gramática de hebraico bíblico¹⁹. Embora seguindo os parâmetros da gramática de Kerr, com muitas regras gramáticas, Mendes inovou por fazer uma proposta autodidática com exercícios e respostas.

A partir de 2000, houve uma onda de publicação de gramáticas hebraicas. Isto se deu porque se tornou notória a dificuldade do aprendizado da língua baseando-se em regras gramaticais. O ensino da língua era dissociado do texto bíblico, pois os exemplos que as gramáticas traziam eram pontuais, soltos, fora de contexto.

Claro que não é possível se culpar somente as gramáticas. O tempo que os seminários e escolas de teologia dispõem para o ensino de línguas é exíguo. O aluno pouco consegue se adaptar a uma escrita com grafemas totalmente diferentes e em direção contrária à língua portuguesa, em um processo de alfabetização acelerado. Fora isto, muitos professores ainda insistem em ensinar ao aluno destes cursos as letras cursivas que são bem diferentes das quadráticas, forma mais próxima à letra impressa.

¹⁹ Mendes, Paulo. *Noções de hebraico Bíblico*. São Paulo, Editora vida Nova, 1972.

Por outro lado, é notório que boa parte daqueles que ministram os cursos de hebraico em cursos de teologia não têm a formação adequada para isto. Alguns se formaram em cursos com ênfase no hebraico israelense e, assim, enfatizam um vocabulário que pouco traz proveito ao aluno de cursos bíblicos, ensinando formas de cumprimento e situações do dia a dia. Outros não tiveram uma experiência autêntica com o texto bíblico em hebraico, embora tenham uma experiência maior de estudo da língua. Outros tantos têm noções básicas da língua e prender-se às regras é uma forma de manter sua superioridade frente aos alunos.

As muitas gramáticas surgiram principalmente atendendo às necessidades de seus professores em suas unidades de trabalho. De certa forma, foram se enriquecendo na experiência que outros partilhavam. E, claro, muita coisa mudou no cenário do ensino do hebraico bíblico.

A necessidade de direcionar o aluno para o texto, não foi única percepção dos professores de hebraico. De um modo geral, os professores de línguas vivem problemas similares e têm encontrado na Linguística Textual um ponto de encontro e mudança.

De um modo geral, é patente que o ensino de uma língua não pode ser pautado somente em regras. Mas não só isso: as regras não podem ser o ponto central no estudo de uma língua. Ao colocar o texto como centro de ensino do hebraico, priorizando as atividades de leitura e produção textual, alcança-se melhores resultados.

A questão principal é que, ao propor o ensino do hebraico em seminários teológicos, ambiciona-se que o aluno seja capaz de fazer uma exegese, que é um estudo da palavra inserida no texto e seu contexto. Mas, como é possível a um aluno destes ambientes chegar a este nível se não tem a experiência do texto? O que vemos são estudos que trabalham palavras soltas e acabam tirando conclusões despropositadas de seu contexto, como ocorre com a palavra “ravak” (*resh, waw, qof*), no livro *O valor de Estar Solteiro*, de Simone Messina²⁰. O livro cita uma palavra hebraica para justificar sua teoria sobre o estar solteiro.

Assim como Messina, muitos outros autores usam o mesmo recurso. Geram teorias a partir de palavras descontextualizadas, que são enriquecidas de significados. A questão é pensar se o ensino de hebraico em seminários objetiva somente este recurso ou intenta uma possibilidade maior de análise e estudo do texto hebraico.

²⁰ Publicado pela Above publicações.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ao comparar a construção de sentido com o ato de tricotar, Koch (2002) nos faz repensar a tarefa do ensino de hebraico. Não há como pensar em palavras soltas descontextualizadas, assim como não há como pensar nos pontos do tricô sem que a mesma linha una seus nós. Não há ponto solto, separado da linha. Assim também não há como pensar o hebraico sem pensar em seu contexto, sem pensar no texto hebraico da Bíblia.

A diversidade de gêneros textuais que compreende o conjunto de textos do Antigo Testamento acolhe os diferentes níveis de estudo da língua. Mas, é bem verdade, para o aluno incipiente o hebraico pode se tornar uma verdadeira aventura. Por isso, como estratégia de trabalho, além de uma cuidadosa alfabetização que conduza ao reconhecimento das letras, a partir de exercícios de transliteração, é mister focar o tipo de escrita.

Ora, o trabalho com o aluno de hebraico Bíblico visa o reconhecimento do texto bíblico. Não há, então, como se falar em ensino de letra cursiva. Tal direcionamento só desloca a atenção e confunde aquele que se dedica ao estudo da língua. Ao representar as letras na forma próxima a que ele lê, o aluno se aproxima do texto e se reconhece nele.

Gramáticas então, que apresentam as letras cursivas, mesmo que a título de curiosidade diluem a atenção e perdem a orientação. Note-se que este trabalho, ainda anterior ao texto, propriamente dito, é de suma importância. Não há como pensar em texto se não há o reconhecimento das letras, se não é possível sonorizar os grafemas e reconhecer a sonoridade das palavras.

Mesmo para a leitura de textos modernos que hoje nos são acessíveis facilmente pelas diversas mídias, a forma cursiva é quase inexistente. Alfabetizar em letras quadráticas auxiliará tanto o estudante que se aventure pelo período bíblico ou moderno. Possibilitará que este aluno tanto reconheça o texto no ambiente virtual que apresenta as atualidades, mas também propiciará que ele volte ao texto bíblico com maior facilidade.

3. *Próximo passo: estudo comparativo das gramáticas de hebraico bíblico*

Nos últimos meses, temos nos empenhado em adquirir tantas gramáticas de hebraico bíblico quanto possíveis para fazermos um estudo comparativo e crítico deste material didático.

Neste primeiro momento de levantamento de material de estudo do hebraico bíblico fomos surpreendidos pela quantidade de material relacionado. Todos publicados, na grande maioria, a partir de 2000.

A porta aberta por Guilherme Kerr ao publicar a primeira gramática em português, hoje se estendeu, mas nem por isso o ensino melhorou. Se a falta de material, no passado, poderia justificar a deficiência, no presente precisamos buscar entender onde continuamos falhando e qual os melhores caminhos a seguir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KERR, Guilherme. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. Campinas. 1. ed. 1948.

KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MARCUSHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife. Universidade Federal de Pernambuco. Série Debates 1, 1983.

MENDES, Paulo. *Noções de hebraico bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 1981.